






## Interdisciplinaridade e formação continuada de docentes: Carolina Maria de Jesus em sala de aula

### *Interdisciplinarity and continuing education of teachers: Carolina Maria de Jesus in the classroom*

 **Juliana Figueira da Hora**  
Doutora em Arqueologia  
UNISA - Universidade Santo Amaro  
São Paulo, SP - Brasil  
[jfhora@prof.unisa.br](mailto:jfhora@prof.unisa.br)

 **Débora Silva Maria**  
Mestranda em Ciências Humanas  
UNISA - Universidade Santo Amaro.  
São Paulo, SP - Brasil  
[deborasilva1@estudante.unisa.br](mailto:deborasilva1@estudante.unisa.br)

 **Vinícius Ferreira Lima**  
Mestrando em Ciências Humanas  
UNISA - Universidade Santo Amaro.  
São Paulo, SP - Brasil  
[vfl2005@hotmail.com](mailto:vfl2005@hotmail.com)

**Resumo:** Temos o objetivo de apresentar o projeto Carolina Maria de Jesus e os diálogos com a escola, organizado pelo Grupo de Pesquisa CISGES (Ciência, Saúde, Gênero, Sentimento) - Linha 3: Gênero, Mobilidade e Fronteiras - Interdisciplinaridade e Construções identitárias. O projeto envolve mestrandos do Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas da UNISA (Universidade Santo Amaro), visando desenvolver e discutir a temática do gênero e da interseccionalidade na vida e obra de Carolina Maria de Jesus na formação continuada de docentes da rede pública. O cotidiano exposto em "Quarto de despejo: Diário de uma favelada" nos permite problematizar a convivência da escritora, mulher preta e pobre, com a realidade da cidade excludente, dialogando com a área de Ciências Humanas e as possibilidades educacionais. Para tal, esse texto mapeia as duas formações realizadas por este projeto, com professores da rede pública estadual da Zona Sul da cidade de São Paulo.

**Palavras chave:** educação; interseccionalidade; interdisciplinaridade; Carolina Maria de Jesus.

**Abstract:** We aim to present the Carolina Maria de Jesus project and the dialogues with the school, organized by the CISGES Research Group (Science, Health, Gender, Feeling) - Line 3: Gender, Mobility and Borders - Interdisciplinarity and Identity Constructions. The project involves master's students of the Graduate Program in Human Sciences of UNISA (Santo Amaro University), aiming to develop and discuss the theme of gender and intersectionality in the life and work of Carolina Maria de Jesus in the continuing education of teachers of the public network. The daily routine exposed in "Child of the dark: The diary of Carolina Maria de Jesus" allows us to problematize the coexistence of the writer, a black and poor woman, with the reality of the excluding city, dialoguing with the Human Sciences area and educational possibilities. To this end, this text maps the two formations carried out by this project, with teachers from the state public network of the South Zone of the city of São Paulo.

**Keywords:** education; intersectionality; interdisciplinarity; Carolina Maria de Jesus.

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

HORA, Juliana Figueira; MARIA, Débora Silva; LIMA, Vinícius Ferreira. Interdisciplinaridade e formação continuada de docentes: Carolina Maria de Jesus em sala de aula. *Dialogia*, São Paulo, n. 42, p. 1-15, e22430, set./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/42.2022.22430>.

*American Psychological Association (APA)*

Hora, J. F., Maria, D. S., & Lima, V. F. (2022, set./dez.). Interdisciplinaridade e formação continuada de docentes: Carolina Maria de Jesus em sala de aula. *Dialogia*, São Paulo, 42, p. 1-15, e 22430. <https://doi.org/10.5585/42.2022.22430>.

## Introdução

Carolina Maria de Jesus é, inegavelmente, dona de grande potencialidade formativa. Assim, este texto analisará as questões de gênero e interseccionalidade nos livros da autora, focando em “O quarto de Despejo: Diário de uma favelada” (1960), bem como as possibilidades de diálogo dos escritos com a área de Ciências Humanas na formação dos docentes da educação básica e, consequentemente, na sala de aula dos alunos e alunas da rede pública.

Considerando a interdisciplinaridade como uma metodologia que busca a superação da fragmentação dos conhecimentos da ciência moderna, esse texto tece um interessante diálogo entre os principais autores que defendem o modelo interdisciplinar, apontando para um grande desafio, que é a formação docente.

Dessa maneira, mapearemos o projeto intitulado *Carolina Maria de Jesus e os diálogos com a escola*, organizado pelo Grupo de Pesquisa CISGES (Ciência, Saúde, Gênero, Sentimento) - Linha 3: Gênero, Mobilidade e Fronteiras - Interdisciplinaridade e Construções identitárias. O projeto<sup>1</sup> se constitui em duas formações remotas realizadas com professores e professoras da rede pública estadual de São Paulo, de escolas da região do Capão Redondo, Jardim São Luiz e Jardim Ângela.

## Gênero e interseccionalidade na obra de Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, interior de Minas Gerais, em 1914. Teve uma formação educacional formal muito precária, suficiente para aprender a ler e escrever, habilidades essenciais para que já sonhasse em ser escritora. Em 1937 muda-se para São Paulo, cidade na qual viveu em diversas moradias até se instalar, em 1948, na favela do Canindé. Para conseguir oferecer alimento aos filhos, coletava papéis e sucatas na rua.

Em 1960, tem seu livro autobiográfico “Quarto de despejo: Diário de uma favelada” publicado, expondo as vivências de uma mulher pobre, afro-mineira e periférica em uma metrópole. Carolina Maria recebe muitas críticas por possuir uma escrita que mescla as formalidades da língua portuguesa e a oralidade, além de utilizar recursos simples, como a repetição, para expor sua rotina:

---

<sup>1</sup> O Projeto “Carolina Maria de Jesus e os diálogos na escola” surgiu após problematizações levantadas nas reuniões do Grupo de Pesquisa CISGES (Ciência, Saúde, Gênero, Sentimento) - Linha 3: Gênero, Mobilidade e Fronteiras - Interdisciplinaridade e Construções identitárias. Nesses encontros, nos perguntávamos: de que maneira nossas reflexões podem alcançar educadores? Como a escola pública de periferia, que é onde os integrantes do grupo majoritariamente atuam, pode desenvolver ações que promovam discussões interdisciplinares entre a literatura e as questões sociais? Dessa maneira, diante do cenário imposto pela pandemia de Covid-19, realizamos duas formações remotas com os professores e professoras da rede pública estadual, sediadas nas escolas da Diretoria de Ensino Região Sul 2. Somadas, as duas formações têm mais de 3 mil visualizações e estão disponíveis nos links:

Parte 1: <https://youtu.be/Fxb3GYFRHaQ>; Parte 2: <https://youtu.be/pQxZJ9vc-Hc>

25 de agosto

Fui buscar água e fiz café. Não comprei pão. Não tinha dinheiro. Eu ia levar os filhos, vi uma menina que ia na aula, perguntei-lhe se ia ter aula. Disse-me que sim. Eu vesti o José Carlos, e o João foi do jeito que estava. Prometi levar-lhe um lanche. E saí com a Vera. Não havia papéis nas ruas porque apareceu outro homem pra catar. Achei ferros e metaes. (JESUS, 2014, p. 117)

Levando em consideração o contexto ao qual o texto foi escrito, a cidade de São Paulo, desde o início do século XX, passava por uma forte industrialização, momento este em que fábricas foram instaladas, mudanças socioeconômicas surgiram e bairros começaram a se formar. Em contraponto, o centro da metrópole não comportava todos aqueles que circulavam pelo ambiente fabril, que cuidavam das grandes residências, sendo cada vez mais “empurrados” para outras regiões, as quais se diferenciavam dos cartões postais da cidade.

A temática recortada é ampla e complexa, expondo disputas históricas, discursivas e geográficas. Sendo assim, este projeto não pretende esgotar as discussões nesses campos, mas colaborar no processo de decolonização de perspectivas hegemônicas por meio das discussões de gênero e interseccionalidade, apontando novos caminhos e perspectivas a partir das vozes e memórias de mulheres invisibilizadas.

Os objetivos deste projeto bial é justamente analisar as interpenetrações na construção do discurso nos registros escritos de Carolina Maria de Jesus, que revelam uma cidade a partir da sua vivência como escritora negra e pobre. Em paralelo a sua obra, também é possível levantar uma documentação arquivística de elementos que reforçam o diário de “Quarto de despejo”, problematizando a questão de interseccionalidade frente aos fatores que se revelam na relação entre a obra e a realidade.

Para dar conta das complexidades, das interpenetrações e das dinâmicas sociais, é necessário organizar a realidade a partir de pontos que se chocam, sendo eles a raça, a classe e o gênero. Angela Davis afirma quando estudamos papéis de gênero, é essencial reconhecer os atravessamentos de estruturas que são históricas e contemporâneas ao mesmo tempo, exemplificando com o racismo, xenofobia e o heteropatriarcado (DAVIS, 2018, p. 22).

Para Carla Akotirene, é preciso decolonizar perspectivas hegemônicas, compreender a diáspora negra a partir da língua escravizada, que esteve amordaçada politicamente, impedida de se manifestar (AKOTIRENE, 2020, p. 20). Assim também explana bell hooks a respeito da invisibilidade da mulher, mais especificamente a mulher negra, devido as questões de onde vieram, como a sociedade as veem e as poucas oportunidades que são encontradas (HOOKS, 1995, p. 466).

Dessa maneira, analisar a obra “Quarto de despejo: Diário de uma favelada” é mergulhar em um cenário que as estruturas sociais se interpenetram em diversas dimensões, proporcionando olhares que a micro-história vem historicizando e colocando em debate. Na busca pela historicização do percurso das mulheres como sujeitos/participantes da história, começaram a surgir, a partir dos anos 1980 a preocupação com as vozes femininas excluídas da sociedade, a fim de romper as barreiras do debate de gênero. De acordo com Rago (1998), era necessário romper desconstruir e narrar a História.

Como sujeita da história, a escrita de Carolina Maria de Jesus proporciona uma visão do passado com reflexos no presente devido as semelhanças encontradas nas vivências nas favelas e periferias atuais. Com sua sensibilidade e jeito próprio, Carolina consegue dar pistas de uma sociedade excludente, as dificuldades vividas de certos indivíduos e nos faz conhecer a cidade de São Paulo por um olhar além de seus grandes prédios e cartões postais.

Nos aspectos metodológicos, pretende-se analisar a importância da formação de professores nos saberes e fazeres da interdisciplinaridade, bem como mapear o projeto que teve como base a vida e obra de Carolina Maria de Jesus e as possibilidades interdisciplinares na área de Ciências Humanas. A pesquisa, de caráter documental, se justifica sob os pilares da formação integral dos sujeitos, que, se periféricos, pretos e pobres, se tornam vítimas de um currículo que dissemina conteúdos que não prezam pela decolonialidade.

Conforme Quijano (2010, p. 84), entende-se que a colonialidade, que molda os modos de ser e de poder a partir de uma lógica eurocentrada, é intrínseca ao sistema capitalista, impondo uma classificação da população e operando nos meios materiais e subjetivos. Portanto, a colonialidade está em tudo, inclusive nos currículos educacionais, como na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Currículo Paulista. Nesse sentido, é necessário refletir sobre os processos de colonização que impõem, por meio de violência física e simbólica, apagamentos epistemológicos de produções e saberes do sul global.

### **A interdisciplinaridade e a importância da formação continuada de professores**

Vigora na formação básica e superior o ensino fragmentado. O ensino é dividido em conteúdos disciplinares, como dentro das próprias Ciências Humanas, que são compactados em História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Na formação de professores, aponta Maurice Tardif (2014) que

até agora, a formação para o magistério esteve dominada, sobretudo pelos conhecimentos disciplinares, conhecimentos esses, produzidos geralmente numa redoma de vidro, sem nenhuma conexão com a ação profissional, devendo, em seguida, serem aplicadas na prática por meio de estágio ou de outras atividades do gênero (TARDIF, 2014, p. 23).

Diversos pensadores, como Morin (2000), Ivani Fazenda (2003) e Hilton Japiassu (1976) defendem que a interdisciplinaridade é a metodologia que pode superar a fragmentação em disciplinas. A integração de todos os componentes e conteúdo é o desejo da educação e das práticas de ensino contemporâneas, pleiteando a formação integral do indivíduo. Para tal, a palavra “interdisciplinaridade” está presente em diversas discussões e reflexões sobre as práticas de ensino, no entanto, existem diversos desafios para sua efetivação.

A formação do ser humano é posta nos debates atuais sobre educação, enfatizando a importância de estabelecer um compromisso com o ensino integral. Edgar Morin (2000) identifica que o cidadão do novo milênio precisa de uma reestruturação do pensamento e dos paradigmas relacionados à forma como organiza o conhecimento, afirmando que:

A supremacia do conhecimento fragmentado de acordo com as disciplinas impede frequentemente de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto. (MORIN, 2000, p. 13)

Existe uma inadequação dos saberes, que se encontram desunidos, divididos e compartimentados, enquanto os problemas do mundo contemporâneo são cada vez mais globais e plurais nas suas essências e impactos (MORIN, 2000, p. 34). Nesse sentido, a interdisciplinaridade surge nos debates epistemológicos e metodológicos como uma alternativa/método ideal para a formação dos sujeitos da atualidade.

Japiassu, no livro “Interdisciplinaridade e patologia do saber” (1976), aponta que a interdisciplinaridade se apresenta como o remédio possível ao câncer que se apodera dos saberes devido a fragmentação dos conhecimentos humanos. A ciência moderna, munida de teorias do conhecimento que defendem a uma ciência racional e pura, esmigalhou “o horizonte epistemológico” do saber (*ibidem*, p. 30). Dessa maneira, estabelecer uma ponte entre os fragmentos e ações é necessário para a formação do ser humano contemporâneo.

Para se pensar a interdisciplinaridade nessa grande tarefa desafiadora de desfragmentar os conhecimentos, é necessário entender a diversidade de conceitos que se conectam e se confundem nas práticas pedagógicas e reflexivas de articulação dos saberes. Pombo (1993, p. 11) apresenta que o fato de relacionar e articular disciplinas (científicas ou escolares) recebe vários nomes, como

interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade. Nesse sentido, a autora analisa que multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade estabelecem justaposição entre os componentes do conhecimento. Já a interdisciplinaridade existe em um espaço intermediário entre as duas citadas e a transdisciplinaridade.

A ideia de pontuar os conceitos nos põe para refletir sobre dos limites e possibilidades da interdisciplinaridade. Ambas as terminologias representam um processo de integração disciplinar, que pode ser contínuo e progressivo, portanto, envolver duas ou mais disciplinas, nos quais a perspectiva interdisciplinar está como intermediária (POMBO, 1993, p. 12). Mais importante do que estabelecer fronteiras, é compreender que os processos que envolvem a articulação das disciplinas e saberes.

Na educação básica, é comum vermos projetos intitulados como “interdisciplinares”, porém, a postura frente ao método não existe, esvaziando todo o trabalho em parceria que deveria ser articulado. A integração dos conhecimentos e formulação de novas leituras sobre questões antes divididas é o objetivo da postura interdisciplinar, alicerçada nas bases da cooperação e troca. Muitas vezes, ocorre-se um projeto ou ação de maneira multidisciplinar, onde não há cooperação, diálogo e troca de saberes. Nesse sentido, a formação interdisciplinar dos sujeitos formadores/educadores é primordial, construindo um cenário de união das disciplinas e áreas.

Os conhecimentos diluídos e fragmentados exigem cada vez mais a união deles, podendo ofertar subsídios necessários para as relações sociais e a resolução de seus problemas. Japiassu (1976) aponta que um dos problemas da interdisciplinaridade se concentra ainda no fato persistente de ignorâncias sistemáticas de especialistas. No entanto, ao propor o diálogo interdisciplinar entre as Ciências Humanas, é perceptível um espaço aberto ao esfrelamento dos limites. Não há mais o que obrigue o compartimento dos conhecimentos e as Ciências Humanas caminham para saberes que não são estanques.

Nesse mesmo sentido, Japiassu (1976) nos põe frente à uma problemática: a “moda” interdisciplinar é um novo risco de representação? Se há uma patologia do saber, o antídoto poderá criar uma nova patologia? Diante destes problemas, o autor pontua que o aumento progressivo dos estudos interdisciplinares no seio das Ciências Humanas e de demais arcabouços científicos nos posiciona no lugar de críticos também, revendo os problemas dos próprios seres humanos e suas organizações.

Nas discussões das Ciências Humanas, fica visível que a universidade moderna fragmenta os saberes. No mesmo sentido, a sociedade exige que os sujeitos cada vez mais se especializem, estreitando os saberes e técnicas dentro de um pequeno ramo específico. Entretanto, os problemas

sociais estão cada vez mais inseridos em um contexto global e indissociável, como exposto na obra de Carolina Maria de Jesus. Se os indivíduos não têm plenas condições de explorarem e desabrocharem suas diversidades, a resolução dos problemas sociais ficará mais complexa.

Fazenda (2003), nesse sentido, desenvolve o princípio de que a interdisciplinaridade irá buscar a totalidade do conhecimento respeitando as especificidades das disciplinas. A disciplinaridade, de forma dialógica, reflexiva e relacional desenvolverá a interdisciplinaridade, tecendo uma rede flexível, e ao mesmo tempo forte o suficiente para sustentar os saberes de forma saudável. Ao encontro da autora citada, Japiassu (1976) destaca que é função do trabalho interdisciplinar lançar uma ponte para religar as fronteiras estabelecidas entre as disciplinas.

A partir desse breve diálogo entre autores, podemos considerar que o desafio da interdisciplinaridade está exposto no fato das especializações ainda se configurarem como o modelo padrão de formação, dificultando o trabalho além das fronteiras epistemológicas. Entretanto, a interdisciplinaridade desponta como uma boa possibilidade de desfragmentação dos saberes divididos pela ciência moderna, tomando espaço nas discussões acadêmicas e escolares. Se as questões sociais, econômicas e políticas estão cada vez mais interpenetradas e indissociáveis, os seres humanos precisam ter subsídios para a análise integral e para possíveis resoluções de problemas.

Considera-se, dessa maneira, a obra Carolina Maria de Jesus como uma excelente fonte de discussões interdisciplinares que se moldam em cenários que envolvem a integralidade das Ciências Humanas. Nesse sentido, avaliando a importância da interdisciplinaridade na formação do sujeito contemporâneo e a seriedade da formação docente nos aspectos metodológicos e de possibilidades curriculares, este projeto tinha mais um desafio: a suspensão das atividades presenciais em decorrência da pandemia de Covid-19.

### **A pandemia de Covid-19 e as adaptações das práticas formativas**

As rotinas educacionais foram forçadas a se modificarem devido à pandemia de COVID-19, que teve início no Brasil em março de 2020. Após este ocorrido, seguindo orientações mundiais sobre a preservação da saúde e vida humana, o hábito de trabalhar, estudar e realizar toda a rotina diária pessoalmente passou a se tornar perigoso devido as chances de contágio, falta de informações sobre o vírus e a ausência de uma cura ou vacina para ele.

Neste sentido, as escolas que, desde séculos passados utilizavam o modelo presencial de ensino, recebendo em uma sala dezenas de alunos, precisaram se adaptar à nova realidade que se

estabelecia. No entanto, a forma repentina como isto aconteceu não possibilitou um preparo para as unidades escolares de todo o país.

O ato de ensinar precisou ser repensado e transformado para se adequar ao contexto que o país estava inserido. Não apenas as escolas, como também aqueles que a compõe, sobretudo o corpo docente e os alunos, passaram por um novo processo de entendimento acerca de como funcionaria esta realidade.

As tecnologias se tornaram aliadas para a possível promoção de práticas educativas. Instituições que já contemplavam em suas rotinas noções básicas da utilização dos recursos tecnológicos para fins educativos, conseguiram de forma pouco mais fácil proporcionar a sequência do planejamento por meio das plataformas digitais (como *Skype*, *Microsoft Teams*, *Zoom*, entre outros). No entanto, para as escolas públicas, este momento foi desafiador e evidenciou a fragilidade estrutural – que já era uma realidade – das periferias e do ensino público.

O presente estudo utilizará como estudo de caso, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC), com ênfase na Diretoria de Ensino Sul 2, que contempla bairros como Jardim Ângela e Capão Redondo, a fim de exemplificar o ocorrido com escolas públicas durante o período pandêmico e problematizar o que foi enfrentado por professores e estudantes da periferia de São Paulo.

A falta de recursos, como computadores, tablets, telefones celulares e plataformas próprias de ensino, foram obstáculos para as escolas que não estavam preparadas para a suspensão das atividades educacionais presenciais. Além disso, nem todos os alunos tinham a disposição em suas residências estes mesmos aparelhos, além do fato da falta de formação para as outras funcionalidades tecnológicas destes objetos. Pondera-se também que os indivíduos que os possuíam, muitas vezes não sabiam os procedimentos para utilização para fins pedagógicos.

Uma alternativa encontrada pela SEDUC foi a criação da plataforma Centro de Mídias SP (CMSP), que está vinculada a aplicativo para celular, exibindo aulas e formações docentes em tempo real, como também a transmissão por canais televisivos, desatrelando o uso obrigatório do aparelho celular. Seu acesso poderia ser feito sem gastar créditos ou dados móveis dos aparelhos. Embora possa ser considerado como um avanço positivo, não foi a solução dos problemas, uma vez que, como já mencionado, aqueles que não tinham os devidos recursos, não conseguiam acessar esta nova plataforma.

Para além desta tentativa, a Diretoria de Ensino Sul 2, com o apoio de seu núcleo pedagógico, se disponibilizou também para contribuir com a formação e o suporte para professores, iniciando uma série de aulas virtuais para a equipe docente. Entre as diversas temáticas



abordados, os temas mais exigidos abordavam tutoriais de como utilizar as ferramentas digitais pelos educadores e como auxiliar os alunos a se engajarem nas aulas remotas.

O processo de adaptação levou meses e mesmo assim, não resolveu o problema em sua totalidade, mediante os limites enfrentados pelas escolas públicas da zona sul. As aulas pelo Centro de Mídias continuaram e as formações da Diretoria de Ensino Sul 2 também, a fim de atingir o máximo de profissionais possíveis.

Neste contexto, as formações proporcionadas pelo núcleo pedagógico da Diretoria de Ensino passaram a abordar temas que se aproximem da realidade dos alunos. Dessa maneira, problematizar a obra de Carolina Maria de Jesus se insere nesta busca de relacionar aspectos da pobreza no século XX, com a atualidade, além de evidenciar questões de gênero e raça. Considera-se também, na adaptação das formações para a modalidade remota, o grande alcance das formações realizadas. Se anteriormente era necessário o deslocamento de no máximo dois professores ou professoras por unidade escolar, a transmissão online possibilita que todos e todas participem do momento formativo.

### **A formação na prática: Carolina Maria de Jesus na formação à distância**

O ambiente escolar contempla em suas dependências uma extensa variedade de indivíduos, identidades e sujeitos que circulam e convivem diariamente naquele espaço, desde a equipe pedagógica, os alunos e os demais funcionários, como os responsáveis pela alimentação e limpeza do prédio. Sendo assim, a pluralidade de indivíduos é um marcador que reafirma a diversidade na escola.

Objetivando contribuir para a formação docente, o núcleo pedagógico da Diretoria de Ensino Sul 2, em parceria com coordenadores pedagógicos e professores, iniciou-se o projeto *Carolina Maria de Jesus e os diálogos com a escola*. O objetivo desse projeto, que consistia em duas formações online, foi de impulsionar o trabalho interdisciplinar dos componentes curriculares voltados para as humanidades e demais áreas, como Linguagens, utilizando da literatura brasileira e contemplando a problematização de questões relacionadas a pobreza, a negritude e relações de gênero.

Os encontros aconteceram de forma remota no primeiro semestre do ano de 2021, devido à pandemia de COVID-19 e as orientações de segurança propostas pelo governo, que ainda restringia a totalidade dos contatos presenciais nas unidades escolares. As formações foram transmitidas pela plataforma digital YouTube e exibida nos horários de ATPC (Aula de Trabalho

Pedagógico Coletivo) dos professores da área de Ciências Humanas. A participação dos docentes era possível através de mensagens recebidas e divulgadas simultaneamente através do *chat*.

Com a finalidade de proporcionar outras possibilidades de ensino, indo ao encontro do exigido pela Lei 10.639/03, sobre a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira, este momento coletivo com os professores pôde favorecer a replicabilidade de ideias e boas práticas a serem realizadas nas demais escolas pertencentes a esta diretoria.

Em relação ao desdobramento destas palestras, no primeiro momento foi estabelecida a importância de uma educação com bases decoloniais, que contemplem a realidade dos/das alunos/as, incluindo aspectos que por eles são vivenciados diariamente e consiga formar um contraponto para a visão de ensino europeu, sobretudo em relação a aspectos histórico-culturais. Iniciar a formação com a discussão sobre decolonialidade e suas possibilidades aponta que decolonizar não é um método, mas uma forma de ser estar no mundo e de pensar e agir sobre ele (MIGNOLO, 2014). Assim, é explorado o pensamento decolonial como uma perspectiva que busca romper com universalismos e com discursos da contemporaneidade que ainda afirmam experiências altamente ligadas ao período colonial.

Como tratado por Chimamanda Ngozi Adichie em “O perigo de uma história única” (2019), a autora enfatiza sobre sua infância e suas experiências daquele período, as quais eram influenciadas por elementos europeus, advindos da literatura britânica que ela conhecia. Ao deparar-se com escritores conterrâneos da Nigéria, a autora identificou-se naquilo que estava lendo e obteve outras concepções sobre sociedade, cultura e história, as quais estão muito presentes em seus textos e suas críticas, em especial, como o próprio título do livro já introduz, a necessidade de contemplar outros pontos de vista, outras histórias, que não apenas as eurocêntricas.

O relato da autora não é muito diferente do que é visto com os jovens e adolescentes brasileiros, que recebem e reproduzem desejos baseados em uma mídia comercial norte-americana e europeia, influenciando no desprestígio da literatura e produções nacionais. Nesse sentido, Adichie (2019) e Mignolo (2014) apontam que é necessário desprendimento do eurocentrismo, que é absolutamente presente na construção dos currículos de educação. Ou seja, “pensar o nosso, qualquer que seja a história local que o ‘o nosso’ tenha sentido” (MIGNOLO, 2014, p. 67).

Assim, é visto a presença da obra e vida de Carolina Maria de Jesus, sendo “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” um exemplo da interseccionalidade e interdisciplinaridade que possibilitam o olhar decolonial sobre as relações. Além de ser uma obra brasileira que nas últimas décadas passou a ter um maior reconhecimento, principalmente em relação aos considerados clássicos da literatura.

Após a problemática disparadora, a formação apresentou, com convidados da própria rede local, o diálogo sobre vida e obra de Carolina Maria de Jesus, fazendo relações entre a trajetória da escritora, enfatizando trechos da obra mencionada, proporcionando um debate acerca de questões étnicas, de gênero e socioeconômicas, e como isso pode ser trabalhado em sala de aula, por meio da leitura do livro e projetos pedagógicos.

O convite de outros professores e professoras da rede foi realizado contemplando a perspectiva decolonial. Buscou-se-, de maneira tímida por conta das limitações de acesso, repensar o binarismo entre transmissor de conhecimento e receptor, professor e aluno, teoria e prática, entre outros. É necessário reconhecer que as relações devem ser postas de forma mais simétricas, compreendendo que o espaço de formação acontece no entrecruzamento dos mais diversos saberes (POSO, MONTEIRO, 2021).

No segundo encontro, quinze dias após a primeira reunião, a formação recebeu professores de duas escolas da Diretoria de Ensino Sul 2, representando a escola E.E. Soichi Mabe e a E.E. Professora Bernadete Aparecida Pereira Godoi, onde esses docentes estavam compartilhando práticas positivas realizadas utilizando a obra de Carolina.

A primeira instituição de ensino fez um panorama entre Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977) e Françoise Ega (1920 – 1976), uma escritora de Martinica, que foi inspirada pelos escritos de Carolina. Assim, a escola pode tratar novamente sobre o impacto e como a literatura nacional pode ser vista por autores de fora, influenciando outros sujeitos, sendo este um ponto de importância a apresentar a professores e alunos.

Através das interações dos professores e professoras, foi perceptível que para muitos ali se fazia o primeiro contato com a vida e obra de Françoise Ega, através da análise de trechos de “Cartas a uma negra” (1978). Os escritos das autoras dialogam, com características e estéticas muito semelhantes. Além dessa demonstração de aproximações e semelhanças, buscou-se evidenciar a história da literatura da América Latina, que se integra no conceito etnográfico de *amefricanidade*, desenvolvido por Leila Gonzáles (1998).

A proposta era trabalhar de forma interdisciplinar, em colaboração com a equipe docente, as diversas possibilidades com os escritos de ambas e identificar aspectos ligados ao sentimento e a vivência das autoras, dialogando sobre possibilidades de como os alunos podem identificar estes traços pela leitura. Cada componente curricular poderia utilizar habilidades que são próprias de sua área, mas sem renunciar ao trabalho em conjunto com os demais da equipe, o que vai ao encontro do que é proposto pelo Currículo Paulista.

A segunda escola, E.E. Professora Bernadete Godoi, fez um projeto de incentivo à leitura, enfatizando as temáticas de xenofobia, racismo estrutural e relacionamentos abusivos. Em comparações com eventos que aconteceram e foram exibidos pela mídia, a escola questionava os alunos como estes acontecimentos se relacionavam com os relatos de Carolina. O objetivo dessas aulas apresentadas era discutir a obra de Carolina Maria relacionando com os temas citados que estavam em alta na mídia, principalmente em situações ocorridas em *reality shows*.<sup>2</sup>

A escola também propôs ações que envolviam a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), sobre violência contra mulher, e por meio de intervenções realizadas pelos alunos, como histórias em quadrinhos, cartazes e conscientização, foi possível tratar este assunto. A culminância de todas as ações desenvolvidas no segundo semestre de 2021 foram apresentadas no “Sarau Mulheres Anônimas”, que apresentava a pesquisa dos alunos e alunas dentro das temáticas propostas, que iam desde violência a mulher, como citado, à pobreza menstrual.

Por fim, a última ação escolar apresentada foi a elaboração de um *podcast* chamado “Bernacast”, produzido pelos alunos, informando sobre mulheres da cidade de São Paulo, a fim de valorização da figura feminina como sujeita da história e proporcionar o protagonismo juvenil. Articulado ao Sarau Mulheres Anônimas, os episódios produzidos focavam em mulheres que fazem parte da história da cidade de São Paulo e são invisibilizadas deste papel, como Anália Franco (1853 – 1919), Lina Bo Bardi (1914 – 1992), Brenda Lee (1948 – 1996) e a própria Carolina Maria de Jesus.

Neste sentido, as formações docentes contribuíram para além do compartilhamento de práticas e ações das escolas. Ela foi tratada como um motivador e apelo para os professores trazerem em sala de aula elementos que evoquem a interseccionalidade. Para tal, Carolina Maria de Jesus foi um exemplo que emitiu os aspectos necessários para esta demanda, sendo algo acessível para os profissionais da rede estadual, uma vez que os livros estão à disposição nas bibliotecas escolares.

Os desafios na formação de professores são diversos, com problemas que atravessam as metodologias e estratégias possíveis, que precisam ser múltiplas, integradoras e abertas ao diálogo. Nesse sentido, é imprescindível questionar as relações de poder e as narrativas que são negadas dentro dos currículos educacionais (BRUNO, 2018, p. 64). Como aponta Paulo Freire, assim será

---

<sup>2</sup> Nesse período, durante a exibição da 21ª edição do *reality show* “Big Brother Brasil”, de março a maio de 2021, houve a manifestação de pensamentos altamente ligados aos vieses conservadores, com situações de racismo, machismo e xenofobia entre os participantes. Um dos pontos citados no projeto executado pela E.E. Professora Bernadete Godoi foi em relação ao penteado *Black Power* de um dos participantes, que foi comparado com representações de homens “das cavernas”. O impacto dos acontecimentos nos *realities* é muito reverberado na sociedade, reforçando estereótipos e naturalizando comportamentos a partir da ótica do entretenimento (MENEGON *et al.*, 2021). O ambiente escolar recebe todas essas discussões a partir dos próprios alunos, que observam as relações de gênero, raça e classe, e apontam em sala de aula as suas observações e descontentamentos.

possível exercer a percepção da educação libertadora e emancipatória, na qual os sujeitos são capazes de opinar, criticar e propor, sendo resultado da sua conscientização (FREIRE, 1987).

### Considerações Finais

A vida e obra de Carolina Maria de Jesus, uma mulher escritora, pobre e negra, expõe o cotidiano de um país excludente. Os resultados obtidos por meio do projeto proporcionaram aos professores um entendimento maior sobre a obra da autora e a interdisciplinaridade possível dentro da área de Ciências Humanas.

Nesse sentido, é possível abordar interdisciplinarmente a vida e obra de Carolina Maria de Jesus, interseccionando a gênero, raça e classe aos currículos disciplinares da área de Ciências Humanas. O desafio está na formação específica e continuada de professores e professoras, no entanto, os docentes estão cada vez mais engajados, como vimos, na construção e realização de projetos e aulas que possibilitem a decolonização dos saberes.

Assim, Carolina se põe como uma excelente “porta-voz” de mulheres e homens que foram negligenciados por uma política que exclui os pobres, pretos e favelados. No entanto, sob novas perspectivas da educação e de formação dos sujeitos, retomam seu lugar de destaque: têm suas vozes amplificadas para que jovens da periferia possam também reverberar.

### Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2020.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília.

BRUNO, Jéssica Santana. *(Inter)ações afirmativas: Políticas de sentido sobre a colonização/ decolonização do conhecimento no currículo e na formação docente*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26694>. Acesso em: 13 set. 2022

CISGES. *Pesquisadores da Linha 3 do GP participam de evento na Universidade Estadual de Maringá – UEM*. Grupo de Pesquisa CISGES – Ciência, saúde, gênero e sentimento. 2021. Disponível em: <https://cisges.wordpress.com/2021/04/15/pesquisadores-da-linha-3-do-gp-participam-de-evento-na-universidade-estadual-de-maringa-uem/>. Acesso em: 25 out. 2022.

DAVIS, Ângela. Mulheres, raças, classes: desafios para o século XXI. In: MARUANI, Margaret (org.). *Trabalho, logo existo: perspectivas feministas*. Rio de Janeiro: FGV, 2019, p. 17-28.

EGA, Françoise. *Cartas a uma negra*. São Paulo: Todavia, 2021.

FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo: Paulus, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 11ª Edição. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. [1988] In: *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização: Flavia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. In: *Estudos feministas*, Brasil, v.3, n.2, p.464-478. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 13 set. 2022.

JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Âmagô, 1976.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: 1960.

MENEGON, Valdenia Guimarães e Silva; DOURADO, Geicyele Quezia; BARROS, Iasmin Talita Abreu; ALVES, Lígia Emanuela Costa, BBB-2021 e as Representações de Machismo, Racismo, Xenofobia e LGBTQfobia. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, v.12, n. 2, p.116-129, 2021. ISSN 2177-2886. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rflag/article/view/18044/209209216372>. Acesso em: 13 set. 2022.

MIGNOLO, Walter. *Capitalismo y geopolítica del conocimiento: El eurocentrismo y la filosofía de la liberación en el debate intelectual contemporáneo*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

MORIN, Edgar. *Os setes saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.

POMBO, O. Interdisciplinaridade: conceito, problemas e perspectivas. In: POMBO, O; LEVY, T; GUIMARÃES, H. (Org.). *A interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. 2. ed. Lisboa: Texto, 1993, p. 8-14.

POSO, F.F.; MONTEIRO, B.A.P. *A perspectiva decolonial nos cursos de formação de professores: uma revisão de literatura*. *Revista Pedagógica*, v. 23, p. 1-18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22196/rp.v22i0.5358>.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez Editora, 2010. p. 84-130.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*. Campinas, São Paulo, n 11, p. 89-98, 1998. Disponível em:

[https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/1998\(11\)/Rago.pdf](https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/1998(11)/Rago.pdf). Acesso em: 13 set. 2022.

SUL 2 Diretoria de Ensino. *Carolina Maria de Jesus e os diálogos na escola*: Refletindo as possibilidades da interdisciplinaridade nas Ciências Humanas. Youtube, 25 de maio de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Fxb3GYFRHaQ>. Acesso em: 18 out. 2022.

SUL 2 Diretoria de Ensino. *Carolina Maria de Jesus e os diálogos na escola parte II*: Desdobramentos e reflexões. Youtube, 8 de junho de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=pQxZJ9vc-Hc>. Acesso em: 18 out. 2022.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. 17ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014